Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Enfermidades do Brasil

Furo! Neste momento de altas rapinagens no cenário político, esta coluna conseguiu uma entrevista mediúnica exclusiva com o padre Antonio Vieira, o genial autor de *Os sermões*, para conversar sobre as doenças do Brasil. Fala, mestre!

Qual é a causa da enfermidade do Brasil?

A causa da enfermidade do Brasil bem examinada é a mesma que a do pecado original. Pôs Deus no paraíso terreal a nosso pai Adão, mandando que o guardasse, e trabalhasse, e ele, parecendo-lhe melhor o guardar que o trabalhar, lançou mão à árvore vedada, tomou o pomo que não era seu, e perdeu a justiça, em que vivia para si, e para o gênero humano.

E o que isso tem a ver com o que acontece hoje no Brasil?

Esta foi a origem do pecado original, e esta é a causa original das doenças do Brasil: tomar o alheio, cobiças, interesses, ganhos, e conveniências particulares, por onde a justiça se não guarda, e o Estado se perde.

De que maneira isso levou e leva o Brasil à perdição?

Perde-se o Brasil, senhor (digamo-lo em uma palavra), porque alguns ministros não vêm cá buscar nosso bem, vem cá buscar nossos bens. Se um só homem que tomou, perdeu o mundo, tantos homens a tomar, como não hão-de perder um estado?

Quais são os sintomas da enfermidade do Brasil?

E senão, pergunto, para que as causas dos sintomas se conheçam melhor: toma nesta terra o ministro da Justiça? Toma. Toma o ministro da Fazenda? Toma. Toma o ministro da República? Toma. Toma o ministro da Milícia? Sim, toma. Toma o ministro do Estado? Sim, toma.

Por que chegamos a esse ponto tão dramático?

O pior acidente que teve o Brasil em sua enfermidade foi o tolher-se-lhe a fala: muitas vezes se quis queixar justamente, muitas vezes quis pedir o remédio de seus males, mas sempre lhe afogou as palavras na garganta, ou o respeito, ou a violência. Por esta causa serei eu hoje o intérprete de nosso enfermo, já que a mim me coube em sorte.

Que trabalho teria um líder para curar as enfermidades de que padece o Brasil?

Acontecerá a vossa excelência com o Brasil, o que a Cristo com Lázaro. Chamaram-no para curar um enfermo e quando chegar, será necessário ressuscitar um morto.

Como curar o Brasil de suas enfermidades?

É pois a doença do Brasil falta de devida justiça, assim da justiça punitiva, que castiga os maus, como da justiça distributiva, que premia os bons.

Quais as consequências da falta de justiça no Brasil?

Não é miserável a república onde há delitos, senão onde falta o castigo deles: que os reinos e os impérios não os arruínam por pecados cometidos, senão por dissimulados. Sem justiça não há reino, nem província, nem cidade, nem ainda companhia de ladrões que possa conservar-se. Que não há cousa que assim desespere os beneméritos, como ver os indignos premiados.

Como seria um Brasil curado de suas doenças, um Brasil justo?

Que se der o sangue, não há de ser para que outros vivam e triunfem, senão para que nós vivamos e triunfemos de nossos inimigos. Tudo o que se tirar do Brasil, com o Brasil se há de gastar.

Compartilhe isso.

Quanto mais cedo a vítima denunciar a violência sexual, mais chances a polícia tem de encontrar o criminoso. "Muitas vítimas ficam abaladas e demoram a vir à delegacia", destaca a delegada Adriana Romana

Um crime que fere o corpo e a alma

» EDIS HENRIQUE PERES
» MILA FERREIRA

A cada dois dias, ao menos três estupros são registrados pela Polícia Civil do Distrito Federal. Mais de 80% das vítimas são mulheres e meninas. A Secretaria de Segurança Pública (SSP-DF) notificou, de janeiro a julho, 361 ocorrências, contra 359 no mesmo período de 2021, números alarmantes que preocupam especialistas. No entanto, punir os responsáveis ainda é um desafio. Identificá-los é mais difícil. Levantamento realizado pelo **Correio** aponta que das vítimas maiores de 14 anos, 27% dos estupradores não foram identificados. O percentual cresce quando o crime é importunação sexual, com 36,5% dos casos sem autoria conhecida.

Titular da Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam II) de Ceilândia, Adriana Romana explica que a rapidez no início da investigação faz toda a diferença. "O ideal é a denúncia ser realizada dentro de cinco dias, pois, nesses casos, ainda é possível encontrar algum material genético do agressor. Entretanto, muitas vítimas ficam abaladas com o crime, e demoram a vir à delegacia", destaca.

Adriana explica que nos casos de violência sexual, o boletim de ocorrência deve ser registrado em uma delegacia física. "As mulheres podem solicitar atendimento por uma policial feminina. É um assunto muito íntimo e tende a ser mais fácil ela conseguir se abrir com alguém do mesmo sexo", aponta. A policial diz ainda que denunciar é importante para a mulher ser atendida na rede de saúde. "Há medicamentos que ela precisa tomar, para evitar doenças sexuais, além do tratamento psicológico", pontua.

Ed Alves/CB/D.A Press

Adriana Romana, delegada-chefe da Deam 2, em Ceilândia: uma policial feminina para atender as mulheres

Cenas de terror

Ana* (a vítima preferiu não se identificar), de 23 anos, conhece a dor de sofrer violência sexual. Seis anos depois de ter sido vítima de abuso, a dor segue real. "Fui vítima de abuso sexual aos 17 anos, por um motorista de aplicativo, que tinha 39. Estava na casa de alguns amigos, com meu namorado. No entanto, eu e ele brigamos, terminamos e pedi um carro para voltar para casa", relata. Ana entrou dentro do veículo chorando. "O motorista puxou assunto, perguntou a minha idade e por que eu estava abalada. Ele começou a me acariciar. Quando a gente chegou em frente a minha casa, ele trancou as portas e foi ficando em cima de mim. Colocou um para-sol no carro e ficou pegando nas minhas pernas. As portas estavam trancadas, e eu só chorava", relata.

Para impedir que os agressores façam novas vítimas, existe, na Estrutura da Polícia Civil (PCDF), o Instituto de Pesquisa de DNA Forense (IPDNA). O laboratório é responsável por fazer exames genéticos que identificam autores de crimes. Por meio do banco de perfis genéticos do instituto, foram descobertos 94 estupradores em série, responsáveis por agredir sexualmente cerca de 255 mulheres ao longo dos últimos 20 anos. Além disso, o instituto conseguiu identificar centenas de autores de crimes sexuais a partir de encaminhamentos de suspeitos pelas delegacias de polícia.

O diretor do IPDNA, Samuel Ferreira, perito médico-legista e geneticista forense, ressalta a importância da denúncia. "Quanto mais rápido a vítima realizar o registro da ocorrência policial, maiores as chances de identificar o criminoso. Com o tempo, os vestígios genéticos vão se perdendo", explica o especialista.

"Após as análises comparativas realizadas entre a amostra do suspeito e o material encontrado no corpo da vítima, um laudo com o resultado é elaborado e enviado à delegacia para a continuidade das investigações e inquérito. Os exames de DNA contribuem significativamente para a identificação de autores de crimes", analisa o perito.

Insegurança do lar

Outra estatística alarmante é a violência dentro da própria casa. Dos estupros contra maiores de 14 anos, 52% acontecem no interior da residência. O cenário piora quando as vítimas são menores de idade ou vulneráveis, onde 76% dos casos de estupro são cometidos em casa. "Isso acende um alerta para a necessidade de se identificar precocemente os diferentes tipos de violências praticadas contra crianças e adolescentes. Esses casos devem ser levados, mesmo suspeitas, ao conhecimento de instituições como o Conselho Tutelar, o Disque 100 ou às Delegacias Especializadas", destaca a professora de Direito Penal e Processual Penal, Mariana Madera.

A profissional do direito destaca que abusos contra vulneráveis envolve uma atuação complexa. "Muitos casos são identificados na escola e é preciso ter cuidado para que a comunicação com os pais, que podem ser os autores da violência, não impeça o enfrentamento do crime", reforça. "Por isso, devem ser adotadas medidas que possam reduzir esse constrangimento, como é o caso do dispositivo que determina o segredo de justiça nos processos de apuração dos crimes contra a dignidade sexual", frisa.

Consultora jurídica da organização Educação Protegida e advogada especialista em Gênero e Direito, Sandra Melo ressalta que os dados apontam para uma cultura que ainda vê as meninas e mulheres como propriedades dos homens. "A forma de encarar as notícias desses abusos no espaço doméstico também costuma cercar-se de um grande tabu, onde o benefício da dúvida sempre é invocado a favor do suspeito, de forma a legitimar a preservação da família. Exatamente por isso, as vítimas têm tanta dificuldade em procurar ajuda e de denunciar. Elas têm grande convicção de que suas falas não serão críveis", comenta.

Depoimento

Trauma para a vida

Estava em depressão e comecei a me consultar com um psiquiatra, um senhor que tinha entre 70 e 75 anos. Ele me diagnosticou com depressão profunda e passou remédios fortes, em doses altas. Eu ia lá toda semana, o que não é normal em atendimentos psiquiátricos. Ele me dava os remédios lá. Isso criava uma dependência. Se eu não fosse lá, não teria o remédio. Sem o remédio, não ficava bem. Comecei a engordar muito, ficava muito inchada. Eu parei de sair, ir pra academia, tranquei a faculdade, só dormia o dia inteiro e ia para terapia e para o consultório do psiquiatra. Eu dizia para ele que achava que eram os remédios e pedia para trocar. Ele dizia que eu "estava magra demais antes", que "homem gosta de carne", "osso é para cachorro". Isso me incomodava muito, mas eu não falava nada. Cheguei lá no consultório um dia de vestido e ele disse que era para eu voltar outras vezes assim, porque minhas pernas eram bonitas e ele gostava. Ele me recebia e se despedia sempre com abraço. Reclamava que eu o abraçava com o corpo distante. Ele dizia que queria me incentivar a sair, namorar, a ir para as baladas, beijar os homens na boca. Dizia que eu só seria mulher de verdade quando fosse para a balada e transasse com todos os homens. Eu contestava, dizendo que esse não era o meu perfil.

Um dia, ele pediu que eu me levantasse, se colocou atrás de mim, me abraçou pelas costas com a mão na minha cintura e colocou o corpo dele junto ao meu com o órgão genital encostando nas minhas nádegas e me apertou roçando a barba no meu pescoço. Perguntou o que eu sentia e eu falei que não sentia nada.

Eu mandei mensagem ao médico dizendo que não voltaria mais e ele ficava dizendo que eu não ia sobreviver sem ele e sem os remédios. Eu me mantive firme e não fui mais. Fui em outro psiquiatra que me disse que os remédios que o primeiro médico estava me dando eram muito fortes e em doses muito altas. Eram doses perigosas para órgãos como coração e rim. Hoje, estou bem. Faço tratamento com outro psiquiatra há dez anos e já estou fazendo desmame dos remédios para depressão.

Helena, 29 anos*

Como denunciar crimes sexuais no DF?

PESSOALMENTE

DEAM I - Delegacia Especial de Atendimento a Mulher Asa Sul EQS 204/205 · (61) 3207-6172. Aberto 24 horas

DEAM II - Delegacia Especial de Atendimento à Mulher II St. M QNM 2, Ceilândia · (61) 3207-7391 - Aberto 24 horas

POR TELEFONE

Disque 180
Central de Atendimento à Mulher.
Funciona 24 horas.

Disque 190
Polícia Militar, quando a pessoa estiver correndo risco imediato.Funciona 24 horas.

Pixabay

Palavra de Especialista

Uma ação covarde

Os crimes contra a liberdade sexual são uma das formas mais covardes de atingir a integridade das pessoas, em especial a de mulheres e meninas. Não à toa que é utilizado como instrumento de guerra, como forma de vilipendiar a dignidade e honra de uma comunidade. Principalmente devido à nossa formação, de sociedade patriarcal, em que a mulher é um ativo social e enfrentamos tanta desigualdade de gênero.

Nesses casos, o estupro de pessoas consideradas vulneráveis ou em situação de vulnerabilidade, é um paradigma, porque ele desconstrói o clássico de que a família é um local seguro e sagrado. E pelo contrário, a família é um dos locais mais perigosos para a mulher e para meninas, porque é a partir da proximidade dos laços de confiança que os agressores se aproveitam e atentam contra a liberdade sexual das vítimas.

Há um aproveitamento de toda a estrutura social e cultural em que a vítima é a culpada, e a sociedade questiona essa mulher se o seu comportamento incentivou ou foi o catalisador para esse crime. A partir dessas relações de confiança, as vítimas são obrigadas ao silêncio e a confidencialidade, e a família que deveria formar uma rede de apoio, só contribui para que a cultura do estupro seja fomentada.

Não teremos uma democracia ou uma sociedade mais igualitária se meninas e mulheres não tiverem salvaguardadas as suas dignidades e em especial a sua dignidade sexual.

Verônica Acioly de Vasconcelos, defensora pública e doutora em direito público e políticas públicas